

**PROJETO SEDUÇÃO POÉTICA:
DA ESCOLA PARA AS PÁGINAS DA REVISTA *PAIDEIA***

Criado em 1999, o Projeto “Sedução da Linguagem Poética” nasceu de forma tímida no Colégio Estadual do Paraná (CEP) e logo se consolidou como um grande sucesso, motivando os estudantes a participarem anualmente. A iniciativa envolve todos os estudantes em três etapas fundamentais.

A primeira é o Varal de Poesias, em que os estudantes produzem poemas autorais para expressar sentimentos, emoções e inspiração artística. Os textos são expostos pelos corredores do colégio em um varal, fazendo a instituição respirar arte. Em seguida, esses mesmos poemas são avaliados por uma comissão de quatro poetas da Academia Paranaense de Poesia, que selecionaram os melhores, enquanto a coordenação de Língua Portuguesa edita a coletânea do livro, intitulada *Sedução Poética*.

A segunda etapa é o Concurso de Declamação. Nela, os estudantes escolhem, interpretam, memorizam e criam performances para recitar poemas de escritores consagrados da literatura brasileira e da Literatura portuguesa — como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa e Manuel Bandeira —, abrangendo escritores clássicos e contemporâneos.

A terceira e última etapa é o Lançamento do Livro, que consiste na publicação da coletânea reunindo os poemas selecionados ao longo do projeto. Os dez poemas transcritos a seguir são fruto da XXIII edição do projeto, realizada em 2026. Trata-se de um trabalho coordenado pela Língua Portuguesa, com ilustrações da Escolinha de Arte, envolvendo todas as turmas do CEP, ou seja, do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio.

No total, os alunos produziram cerca de 3.500 poemas. Desse montante, a Academia Paranaense de Poesia selecionou 165 para compor o livro *Sedução Poética 2026*. Entre os escolhidos, dez foram destacados para esta publicação especial na *Revista Paideia*, evidenciando excelente qualidade e refinamento literário. A poesia, em sua essência, transborda nos corredores e nas páginas impressas. Publicar essas produções na *Revista Paideia* é celebrar a escola e a

REVISTA PAIDEIA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ
Educação Básica e Profissional em Pauta - 28ª ed./2026

academia como incubadoras de pensamento crítico e sensibilidade artística. Estes textos não apenas revelam o talento dos estudantes, mas também reafirmam o poder transformador da palavra.

Camila Marcelina Pasqual
Coordenadora de Língua Portuguesa

Verde ver-te

Ver-te o verde dos vis olhos voláteis
vezes vilipendiantes, vezes venerantes
(vilipendiando venerar-me
venerando vilipendiar-me —
querela que me quebranta e me crava crípticas descrenças no crânio).
Verte-me em vítima viciômana do tu que me habita
sentenciando-me a perder-me de mim mesmo
querer nos meus
teus oráculos indecifráveis e oblíquos
que vacilam entre o viço e o vício
o veneno e a vênia.
Onde meu vulto de súbito submerge
e emerge outro
não eu,
mas um eu-tu eivado do tu que me lavra e desacata a alma
que me cultiva a carne
que me calcina o cerne
com tua viridez displicente que reverbera no meu corpo brumoso e reverente
rendido ao sortilégio sacrário de me fazer sentir observado
neste fenômeno feroz de ver-te refletido em meus olhos
e não saber, no reflexo, qual dos dois passou a habitar o outro.

Caio Abrão da Cunha Santos Melki Ávila Peres – 3ª B – Manhã
Professor: Gerson Lopes de Oliveira

Talvez

Talvez eu não pertença a este mundo,
porque estou constantemente
refugiada em meu próprio exílio.

Exilando-me voluntariamente,
por me sentir desalinhada,
como um corpo cósmico fora de órbita
ou um rádio fora de frequência.

Privando-me sufocantemente da memória de meu lar,
buscando sentido em minha lucidez,
como se esta patologia dolorosa
explicasse o que há de errado
e fugisse da tendência de
me paralisar por completo.

Como se a consciência do erro pudesse
confortar-me de alguma maneira,
talvez porque o discernimento possa tornar alguém forte,
talvez porque seja preciso escolher
entre ser lúcido, vigoroso... solitário,
ou ser feliz.

Talvez eu não seja para estes olhos,
olhos que olham para mim
com um olhar fragmentado,
pois são refletidos por um espelho quebrado,
que essencialmente divide minhas concepções
do que eu poderia considerar como verdade,
porém vejo que é apenas a distorção da realidade.

Talvez eu me refugie nessas imagens distorcidas,
nesses sonhos não vividos,
nessas fantasias conhecidas,
porque encarar apenas uma das concepções
do que talvez seja real,
torna-se mais simples do que olhar para o abismo
da verdadeira realidade,
pois temo que ele olhe de volta para mim.

Isadora Mücke Buchmann – 3ª A – Manhã
Professor: Gerson Lopes de Oliveira

Paz

Busquei ouro, restou dor
Colecionei excessos, veio vazio
Entre aplausos, cresceu frio
Sob riquezas, dormiu temor

Persegui corpos, quis calor
Na luxúria, achei desvio
Em cada abraço, desafio
Terminava sempre no rancor

Comprei sonhos, sem razão
Ergui castelos, mesmo incapaz
Vesti sorrisos, sem chão
Guardei troféus, sem paz

Quando aceitei cada cicatriz
Silenciei a antiga pressão
Encontrei paz, fui feliz
Preenchi vazio, a aceitação

João Gabriel Alves de Brito – 3ª TE – Manhã
Professor: Carlos Maurício Carneiro Filho

Caixão fechado

O caixão foi fechado,
igual o dia em que seus olhos se fecharam,
madrugada de desespero,
em que todo seu futuro se fechou.

As portas não se fecharam,
elas pararam de existir,
pararam de abrir e fechar,
pararam de deixar frestas,
pararam de bater,
igual o seu coração.

Seu coração bateu pela última vez,
última batida,
última lembrança,
última bala.

Bala como uma chave,
que não só fechou a sua vida,
mas sim a selou,
chave que se perdeu em si mesma,
dentro da sua própria cabeça.

Por que se envolveu tanto?
Seu pior erro foi ter aberto aquela porta,
a porta do coração,
a mesma porta que abriu,
fechou para sempre a sua consciência
e o seu caixão.

Larissa Yasmin Maciel Tiburcio – 3ª TT – Manhã
Professora: Bruna Moura

O tempo de uma vida

No olhar de uma criança
Os momentos são divertidos
Dentro de sonhos e de esperança
Que com o passar dos anos são esquecidos.

Agora já não há mais tempo para brincar,
Pois uma boa faculdade tenho que alcançar,
Através de estudos e dedicação,
Moldando, aos poucos, minha direção.

Com cobranças e responsabilidades
Chego enfim à vida adulta,
Enfrentando as dificuldades
Mas já cansada da eterna conduta.

Enfim agora vejo que o tempo se passou
E o sonho daquela criança não se realizou
Num piscar de olhos todos ficaram ausentes:
Amigos, ex-amores, colegas ou parentes.
Mas dizem que a vida é assim, fugaz
Eu só gostaria de ter vivido mais.

Kamile Giovana Strapassan – 3ª G – Manhã
Professora: Marta Ouchar de Brito

O conforto da maré

Espelho, espelho meu
Diga-me que oceano é esse que me afoga!
Em tons de azul, quase lilás,
Onde encontrar meu rosto já não sou capaz.
Deixo os cabelos longos como as ondas do mar
Na esperança, talvez, de finalmente me afogar.
Afogar seus olhos verdes que ainda me assombram;
Afogar seu veneno que ainda me causa abstinência.
Espelho, espelho meu
Diga-me, ainda há vida em alguém como eu?
Ensina-me a respirar debaixo dessa água,
No final, sei que nunca realmente desejei esse funeral.
Espelho, espelho meu
Aqui já não mora mais o “Eu”.
O conforto da melancolia e da morte
Há tempos já me acolheu.

Amanda Charyra Medeiros de Albuquerque – 3ª E– Manhã
Professora: Marta Ouchar de Brito

Campo de cinzas

No campo quieto, sob o céu dourado,
ela vivia em paz, simples assim;
tinha nas mãos o trigo semeado,
e um lar pequeno, mas inteiro em si.

Veio a guerra, cortando o horizonte,
como um grito que não quer terminar;
levou sua casa, queimou sua fonte,
fez seu mundo em cinzas se afogar.

Ela não fugiu — criou raiz na dor,
fez do medo uma forma de existir;
aprendeu que também nasce o furor
no peito de quem só queria florir.

Entre ruínas, num dia qualquer,
surgiu ele, cansado de lutar;
um tenente marcado pela fé
de que a guerra um dia ia cessar.

Se encontraram no meio do nada,
onde o silêncio gritava mais alto;
ela firme, de alma marcada,
ele frágil, por dentro em sobressalto.

E o amor, feito brasa escondida,
foi crescendo sem pedir permissão;
entre olhares roubados da vida,
entre toques que evitavam a mão.

Mas a guerra não dorme, não falha,
cobra caro por cada sentir;
não há paz onde existe batalha,
não há juntos onde é preciso partir.

Na última noite, sem prometer nada,
se calaram diante do fim;
ela forte, porém quebrada,
ele inteiro, mas longe de si.

Ele foi com o peso no peito,
ela ficou com o chão por reconstruir;
pois há amores que nascem perfeitos,
mas não podem no tempo existir.

Ana Luiza Hila – 3ª J – Manhã - Professora: Andréa Garcia Zelaquett

Os professores heróis

Entre quadros gastos
e folhas marcadas,
há professores construindo pontes
com noites mal dormidas.

Planejam palavras
desenham futuros,
carregam na voz a esperança
de quem acredita no impossível.

Explicam uma vez,
duas, dez vezes,
como quem acende fósforos
em meio a tempestade.

Mas no fundo da sala
há silêncio, distraídos,
olhos presos ao celular
mentes longe da lição.

“Eu não entendi”, dizem.
Mas às vezes nunca
houve tentativas, nunca
houve coragem de realmente escutar.

E ainda sim, no dia seguinte
o professor volta.
Com novos slides,
novas ideias, e a
mesma fé cansada
de que alguém ao menos
alguém decide tentar.

Henrique Lazzari de Melo – 3ª K – Manhã
Professora: Andréa Garcia Zelaquett

Altas fitas

Na quebrada ecoa um silêncio pesado,
onde antes tinha riso, hoje só recado calado.
Duas histórias cortadas no meio da rua,
dois corações que o tempo não perdoa,
nem continua.

Amiga do sorriso solto e do olhar de luz,
amigo firme, daqueles que a vida conduz.
Mas a noite chegou sem pedir licença,
e a dor ficou como única presença.

Três meses... só três meses de diferença,
como se o destino tivesse pressa, sem paciência.
Primeiro ela, num grito que ninguém esqueceu,
depois foi ele... e o mundo inteiro se perdeu.

Falam que foi a polícia, que foi engano ou razão,
mas quem ficou aqui só sente o peso da ausência no coração.
Sirene não traz de volta nem limpa injustiça,
só deixa mais uma história marcada na notícia.

Agora só resta a memória nas altas fitas,
nos áudios, nas fotos, nas conversas infinitas.
E toda vez que toca "Saudades mil" por aí,
parece que vocês dois tão chamando daqui.

Saudade que aperta, que não tem fim,
que faz o mundo parar, que grita dentro de mim.
Vocês se foram cedo, cedo demais pra entender,
mas vivem em cada lembrança que insiste em não morrer.

Camile Curupana Maciel – 3ª PD – Manhã
Professor: Leonardo Kominek Barrentin

O véu do consenso

Do alto do topo que o acordo ergueu,
eles vestem a capa da convenção,
julgam o mundo que nunca sofreu
e ditam as regras da própria razão.
O peso do voto e da norma aceita
protege o forte que o topo alcançou,
enquanto o povo, na linha estreita,
repete o caminho que a Lei desenhou.
“Sigam a ordem”, diz o belo discurso,
“pois o bem comum exige o dever”,
e assim a estrutura mantém seu percurso,
fazendo a minoria o rumo escolher.
O plano perfeito é uma luz ilusória,
um pacto moldado para nos afastar,
para que alguns determinem a história
e os outros aceitem apenas marchar.
Mas nenhuma regra resiste ao cansaço
de quem percebe o que o grupo inventou,
o falso direito se quebra em pedaço
quando a consciência enfim despertou.
Silêncio nenhum vai calar o clamor
de quem descobriu o que a Lei escondeu,
deixemos de lado o papel de ator
no palco que o falso acordo ergueu.

Iago Gomes Gonçalves – 3ª TE – Manhã
Professor: Carlos Maurício Carneiro Filho